



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA, FISIOTERAPIA E DANÇA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**LIANA ABRÃO ROMERA**

**(depoimento)**

**2017**

**CEME-ESEFID-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA



**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-759

**Entrevistada:** Liana Abrão Romera

**Nascimento:** 10/05/1964

**Local da entrevista:** Hotel Mercure – Belo Horizonte - MG

**Entrevistadora:** Luiza Aguiar dos Anjos

**Data da entrevista:** 27/04/2017

**Transcrição:** Guilherme Goulart Baraibar

**Copidesque:** Pamela Siqueira Joras

**Pesquisa:** Guilherme Goulart Baraibar e Pamela Siqueira Joras

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 42 minutos e 37segundos

**Páginas Digitadas:** 13 páginas

**Observações:**

Entrevista realizada para o projeto *Memórias do Programa Esporte e Lazer da Cidade/Vida Saudável* desenvolvido pelo Centro de Memória do Esporte.

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Trajetória no esporte como jogadora de basquete; Entrada na UNICAMP; Iniciação no Programa Esporte e Lazer da Cidade (PELC); Mudanças no PELC; Lazer na pesquisa de doutorado; Cidade em que atua pelo PELC; Início como formadora do PELC; Desafios de ser uma formadora; Desenvolvimento das formações; Oficinas de Formações; Desenvolvimento das visitas técnicas e pedagógicas; Outras cidades de atuação; Histórias marcantes; As formações dentro dos núcleos; Pontos a melhorar no Programa Esporte e Lazer da Cidade; Outras Considerações; Adendo de histórias; Importância do PELC.

Belo Horizonte, 27 de Abril de 2017. Entrevista com Liana Abrão Romera a cargo da pesquisadora Luiza Aguiar dos Anjos para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

L.A. – Bom, primeiramente Liana, muito obrigada por esse tempo aqui, estar nosso tempinho de descanso para conversarmos um pouco sobre sua experiência no PELC<sup>1</sup>. Eu gostaria de começar perguntando sobre a sua trajetória, a sua formação.

L.R. – Bom Luiza, primeiro é um prazer estar aqui conversando com você, e cumprimentar por esse trabalho de memória que vocês estão fazendo. Bonito e importante para registrar a história do Programa, contribuir com as políticas públicas e com a Educação Física em geral. Eu começo minha trajetória, como jogadora de basquete, lá no interior de São Paulo. Primeiramente como jogadora de basquete e como uma criança envolvida em várias atividades extracurricular. Eu acho que desde lá, há uma formação no sentido lato, participação em banda marcial da escola, participação em um modelo de escola denominada pluricurricular. Era uma escola que atentava para formação em manualidades, em artes, um modelo que já não existe, mas que dava uma formação mais ampliada. Pratiquei do basquete por mais de seis anos, e depois, fiz o curso de Educação Física...Tive um tempo afastada por conta de casamento muito cedo, filhos e familiares, mas depois, em 1993, eu me aproximei da UNICAMP<sup>2</sup>; eu morava muito longe de Campinas, fiz uma seleção para uma especialização em Estudos do Lazer e posteriormente com o grupo do Professor Dr. Nelson Marcellino<sup>3</sup>, iniciado na Unicamp como Lazer e Educação e posteriormente na UNIMEP<sup>4</sup> como GPL (Grupo de Pesquisa em Lazer). Essa possibilidade dos estudos, desse aprofundamento que até então eu não tinha, a percepção de que tudo isso existia, me fez tomar contato, não só com pessoas estudiosas da área, mas com a possibilidade de um universo todo que vinha se apresentando pra mim. Paralelo a esse estudo da especialização, eu já era professora da rede estadual de educação de São Paulo... Trabalhar, estudar e cuidar da família exigiu muito de mim. Eu trabalhava uma jornada extensa, um tempo na prefeitura, um tempo na escola estadual, e viajava para cursar a especialização em Campinas: trezentos quilômetros de distância, então, saia

---

<sup>1</sup> Programa Esporte e Lazer da Cidade.

<sup>2</sup> Universidade Estadual de Campinas.

<sup>3</sup> Nelson Carvalho Marcellino.

<sup>4</sup> Universidade Metodista de Piracicaba.

domingo à noite, tinha aula às terças, retornava e acumulava todas as aulas, até o sábado, para poder dar conta de estudar, mas foi um período bastante intenso e rico.

L.A. – E como é que você conheceu o PELC?

L.R. – Aí vou ter que fazer um salto no tempo... Conheci o PELC, em 2009, eu tinha terminado o doutorado e dava aula na UNIMEP de Piracicaba<sup>5</sup>, junto com o professor Marcellino e a Rejane Penna Rodrigues era aluna do programa de pós graduação. Ela estava fazendo mestrado na UNIMEP sob orientação do Marcellino e cursou uma disciplina que eu dava sobre juventude e lazer e, em meio a algumas discussões, ela me convidou para uma fala em Brasília para o um programa de esporte e lazer voltado para a juventude. Ela me explicou o que era esse programa e lá eu fui conversar com os formadores do PELC. Naquele momento não tinha essa configuração que tem agora, na época havia uma modalidade de PELC denominado PELC PRONASCI<sup>6</sup>, que numa parceria com o Ministério da Justiça direcionada as ações do programa de modo especial à juventude em situação de vulnerabilidade. Como meus estudos versavam sobre juventude, lazer e drogas, aceitei o desafio e ali conheci toda amplitude do Programa. Nesse encontro de Brasília havia uma série de autores das principais obras da Educação Física e do Lazer, proposta era uma conversa com autores das obras e palestras para um grupo de formadores, parece que era um grupo de setenta formadores, pessoas muito bem engajadas, muito bem formadas, que estavam ali para debater com os autores das obras o fazer da Educação Física e do Lazer.

L.A. – Você me falou que deu esse salto do conhecimento do PELC, na verdade da sua especialização para o conhecimento do PELC. Você poderia me falar um pouco de como o lazer se envolveu, você se envolveu com lazer nesse tempo que você saltou, inclusive na sua pesquisa de mestrado e doutorado?

L.R. – Eu terminei em 1993 a especialização, voltei para o meu trabalho na escola e na prefeitura, no ano seguinte, 1994, entrei no mestrado, e no mestrado me aproximei da pesquisa em lazer. Desculpa, da pesquisa não, eu fiz a pesquisa na área da Educação Física

---

<sup>5</sup> Cidade do interior do estado de São Paulo.

<sup>6</sup> Programa Nacional de Segurança Pública com Cidadania.

escolar mas no programa de lazer, aí em 1998 um governo popular ganhou as eleições na minha cidade e eu fui chamada junto com outro colega para fazer o papel do assessor técnico de esporte e lazer da prefeitura. Foi aonde pudemos desenvolver um pouco daquele conhecimento tratado na UNICAMP, junto a uma secretária municipal de esportes e lazer. Foi um momento bastante rico e produtivo. Depois disso eu segui com as aulas na escola, também tentando desenvolver muito do que tinha sido discutido na UNICAMP em termos de lazer, principalmente na escola e no ensino médio e para faculdades particulares, além de ministrar cursos de especialização e fui aprovada no doutorado, também na UNICAMP. Em 2008 concluí o doutorado e ao terminar ingressei na UNIMEP, já era 2009. Claro, que muitas outras coisas vão acontecendo nesse meio tempo, mas o salto em breves palavras, eu acho que vão nesse sentido.

L.A. – Em qual era o município você atuou?

L.R. - Meu município é Catanduva, interior de São Paulo... Eu não digo a primeira, mas uma das primeiras cidades assim, quando o... Posso falar?

L.A – Pode. [RISO]

L.R. – O PT<sup>7</sup> começa a ganhar as prefeituras, de um modo geral, quando o mapa do Brasil deu uma avermelhada boa no mapa do país, Catanduva era uma dessas prefeituras, e que na primeira gestão fez um bom trabalho. Tivemos oportunidade de fazer ali programas, principalmente programas com crianças em situação de vulnerabilidade social ou com crianças em situação de rua, programas de ginástica pra mulheres, programas pra campos de várzea, enfim, revitalização de campos de futebol, coisas assim, que não estavam relacionados ao entretenimento, mas sim a essa proposta de lazer e cotidiano para pessoas com menor possibilidade de acesso ao lazer, esquecidas pelas política. Pudemos fazer essa política mais voltada as minorias mas não ainda dessa maneira tão organizada quanto é a política do PELC.

L.A. – E como você veio a se tornar formadora do PELC?

---

<sup>7</sup> Partido dos Trabalhadores.

L.R. No ano de 2009 fui aprovada em concurso da Universidade Federal do Espírito Santo e fui pra lá e logo nos primeiros meses houve um edital de seleção de formadores. Nesse momento eu já estava mais envolvida, entendendo a importância dessa política social, e principalmente pensando alcançar essa juventude vulnerável. Fui aprovada na seleção e desde então me juntei ao grupo e vim crescendo junto com eles. É um programa importante, ele é de crescimento de todos os envolvidos. A cada vez que um formador sai pra dar uma formação ele vai se qualificando... Luiza, é um lugar privilegiado, no qual você vê o que os agentes estão fazendo lá na ponta, chega ser difícil de acreditar, a gente tem registrado mesmo, porque você fala, não é possível que pessoas que não tiveram oportunidade de formação estejam conseguindo fazer coisas de qualidade e com recursos tão poucos. Eu retornei de um afastamento agora em agosto e em setembro já fui fazer uma formação, de avaliação em Ipatinga<sup>8</sup>. Eu vi ali um *agente social muito jovem*, relatando o que ele estava fazendo, e ele de emoção chora, aquilo é pra mim maravilhoso de ver como é que um jovem de vinte e poucos anos chora ao contar do trabalho dele junto a crianças com necessidades especiais e com idosos, o que tem de especial nessas pessoas que estão trabalhando nessa política, o que essa política tem de transformadora nessa sociedade, o que é que envolve essas pessoas com tamanho comprometimento e com salário tão baixo. [RISO]

L.A. – E como é que você descreveria sua preparação para exercer essa função de formadora, desde antes de você saber propriamente o que era esse trabalho, até hoje em dia, em que você já tá há algum tempo.

L.R. – Eu descrevo como desafiadora, porque ela é constante. Esses momentos que a gente tem que são semestrais de formação do grupo contribuem muito, mas não pára aqui. Cada formação que a gente faz em parceria com outro formador transforma-se num aprendizado muito grande e sempre tem uma rotatividade, você nunca faz formação com o mesmo formador. Se eu vou trabalhar com o Gilmar<sup>9</sup> eu aprendo muito com ele e ele comigo e o mesmo se dá em todas as composições de formadores. Para além disso, a necessidade de uma busca constante de material de inovação, um material de leitura. Eu costumo usar

---

<sup>8</sup> Cidade no interior de Minas Gerais.

<sup>9</sup> Gilmar Tondin.

muito, documentários, curtas, pequenos textos, vídeos pequenininhos, aquele segundo vídeo que o palestrante usou, do joguinho de xadrez, é um vídeo que eu já usava, porque são esses materiais assim pequenininhos que ilustram e fazem as pessoas entenderem aquilo que você quer dizer de uma maneira muito simplificada. Então é assim: há uma busca por material que consiga dialogar com as pessoas de uma maneira diferente do que é sala de aula, porque tem que ser dinâmico, tem que ser de outro jeito. É uma busca constante por diferentes metodologias, por diferentes materiais e uma troca com os agentes sociais de cada local; tudo se torna motivo para um aprendizado, é uma via de mão dupla muito grande e a partir disso vai se construindo e se reconstruindo a cada formação.

L.A. – E você já trabalhou também, nas formações, com o Programa Vida Saudável e com o PELC Povos Tradicionais e Quilombolas?

L.R. – Não, nenhuma vez.

L.A. – Agora me voltando para pensar na questão da tua ação, que você já iniciou um pouquinho ao pensar no processo de se preparar... Como é que são desenvolvidas as atividades de formação, como é que isso se estrutura na prática?

L.R. Procuro usar diferentes metodologias para que as coisas não fiquem maçantes e monótonas. A gente tem uma primeira parte de exposição dialogada, os vídeos, curtas, muitas vezes um filme que consiga dialogar com a temática a ser tratada, dinâmicas e oficinas. O programa tem eixos estruturantes e que são trabalhados cultura, esporte e lazer que são os principais, e contemplados de diferentes modos durante as formações. Há um momento no qual o programa conveniado propõe um evento de impacto, um evento de lançamento do PELC, que é onde eles vão também, poder exercitar a organização das atividades assistemáticas previstas no Programa. Eles planejam e montam tudo o que vai acontecer no PELC, fazemos visitas monitoradas com eles... Eu acho que as formações têm passado por um processo de transição também, há sempre um *feedback* dos agentes, sobre textos muito curtos, tenho percebido que a gente tem usado cada vez menos o *datashow*, menos slides, e mais diálogos, uma conversa mais próxima com eles.

L.A. – Você mencionou oficinas, geralmente essas oficinas trabalham com que temas, por exemplo?

L.R. – Esportes, jogos cooperativos, recreação, manualidades e, eu particularmente gosto muito de provocar uma oficina, que eu chamo de cultural. E pego um curta que trata de capital cultural na perspectiva de Bourdieu<sup>10</sup> e mostro pra eles, para provocar a reflexão, o quanto as camadas mais favorecidas continuam sendo favorecidas e com mais acesso à cultura e as outras não e o quanto poderíamos usar o PELC pra promover esse acesso. Então após esse curta vou provocando com outras manifestações da cultura, essa é uma das oficinas que eu mais gosto de promover porque tira a gente daquele lugar... Estamos acostumados a ficar só no esporte, a gente trabalha outras questões e eu penso que é um papel nosso, desassossegado, sabe? Tirá-los de uma zona de conforto, de achar que uma oficina pode ser sempre a mesma coisa; provocar e, através de um jogo, através de uma dinâmica, através de uma recreação, provocar reflexões, trazer para outras possibilidades. Dessa minha ida para o Pós-Doc, eu me deparei com possibilidades e materiais para serem trabalhados junto com os meus orientandos, a teoria das habilidades psicossociais, ou para a vida, representam possibilidade de enriquecer as formações. São dez habilidades que podem ser trabalhadas dentro da Educação Física para uma melhor formação humana, então, o poder de escolhas, a assertividade, a empatia, autoestima são algumas delas. Trabalhar com os agentes a empatia a partir de alguma situação corriqueira pode promover melhor relacionamento entre todos de um núcleo do PELC ou de uma comunidade. A partir de uma jogada, uma dinâmica, de uma cena de um filme, são possibilidades que a gente tem para fazer discussões. Eu acabo sempre provocando para que a gente não fique restrito a simplesmente a ocupação daquele tempo mas sempre possa incorrer numa provocação a partir do material didático que levo e muitas das vezes eles compram a ideia, e aí eu saio feliz, porque eu entendo o PELC como sementinhas. A gente saindo a semear e depois de tanto tempo eu fico vendo, ontem com a Márcia<sup>11</sup> mostrando toda avaliação, apesar também de ver onde a gente está falhando, da para ver que alguma coisa está florescendo.

---

<sup>10</sup> Pierre Félix Bourdieu.

<sup>11</sup> Referência a avaliação do PELC apresentada por Márcia Soares em evento de capacitação dos formadores realizado em Belo Horizonte,

L.A. – E você podia me falar um pouco dos processos, das visitas técnicas e das visitas pedagógicas?

L.R. - Eu acho que muito pouco porque elas foram implantadas mais recentemente, no período que eu estive afastada . Eu fiz uma até agora uma visita em Ipatinga. Muita coisa de transformação aconteceu nesse um ano que eu estive fora, Então, a visita eu fiz, na verdade eu fiz duas: Ipatinga e São Bernardo do Campo<sup>12</sup>. São dois lugares que eu tomo como referência, são dois lugares já começados por dois outros formadores super competentes e acaba sendo uma possibilidade, uma modificação acontecida no Programa, para qualificá-lo, porque o Programa tem isso de muito importante: ele não se acomoda, a cada passo que ele dá, ele se olha, ele se analisa, olha para os seus erros e consegue buscar saídas. Você percebeu acho que na reunião, a gente se provoca o tempo todo buscando a qualificação e nisso o Programa vai passando por constante transformação. As visitas acabam sendo um resultado, um reflexo dessa necessidade de transformação. Anteriormente ela acontecia em meio dessa formação de quatro dias, então, não dava muito certo, e agora ela acontece antes da formação de avaliação iniciar. Com estas visitas ocorrendo antes da formação fica possível ver as coisas acontecendo, fora do dia de formação, vemos os núcleos em funcionamento, esta é a principal contribuição das visitas, eu penso. São constantes mudanças buscando sempre adequar as necessidades à realidade, a divisão das avaliações para dois momentos, em dois momentos curtos de dois dias, não tão ao final do convênio, mas mais para que as pessoas possam, ao ser avaliadas, fazer os ajustes necessários, porque esses ajustes são reflexo das avaliações que vai se tentando colocar em prática para qualificar o programa. É um programa que não pára e não deixa ninguém parar, porque ele vai mexendo com a gente o tempo todo.

L.A. – Você chegou a citar as duas cidades que você atuou que são Ipatinga e São Bernardo. De fato o perfil de cidade na qual você atuou são essas cidades de médio porte, ou não?

L.R. – Não, não, não. Eu estive em Ribeirão Corrente<sup>13</sup>, uma cidadezinha com três mil habitantes, era uma coisa assim, não tinha nem hotel pra eu ficar. Eu tinha que ficar em

---

<sup>12</sup> Cidade do estado de São Paulo.

<sup>13</sup> Cidade do estado de São Paulo.

Franca, uma cidade próxima interior de São Paulo, eu tinha que voar até Ribeirão Preto<sup>14</sup> alguém ia me buscar em Ribeirão... Ribeirão Corrente é uma cidadezinha agrícola com três mil habitantes, praticamente população rural e o PELC era referência de lazer daquela população. Era um PELC muito especial porque os formadores eram jovenzinhos de ensino médio. Foi uma aposta que o coordenador fez. Eu lembro que eu falei pra ele: “Certeza que você vai fazer isso?” Ele disse: “Vou apostar”. E deu certo, deu muito certo. Os jovenzinhos ficaram ali, era a oportunidade de trabalho deles e fizeram aquilo muito bem feito, muito bem feito e para a cidade era tudo o que eles tinham para vivenciar qualquer possibilidade de lazer, era o PELC que eles tinham. Era assim, cidades pequeninhas que funcionam melhor do que cidades de grande porte, às vezes o PELC se perde em uma cidade muito grande. São Bernardo é uma cidade muito rica da grande São Paulo e está funcionando muito bem, está na quarta edição já do PELC, estão indo muito bem, muito bem organizado. Ipatinga, foi muito bem, terminou agora infelizmente. Ipatinga também tava na terceira ou quarta edição e teve a felicidade de ter um formador do PELC, como secretário de esporte e lazer, isso também é um diferencial. Essas peculiaridades é que fazem a diferença no Programa.

L.A. – E você teria um ponto de destaque que você falaria sobre algumas das formações que você executou, foram algumas histórias, mas teriam outras que te marcaram?

L.R. – Nossa, eu acho que já falei, eu já comentei várias delas, cada lugar marca a gente de uma maneira. Acho que o PELC, cada convênio, acaba mostrando para a gente uma especificidade. Um lugar consegue contemplar muito a criança, outro mais o idoso, outro mais os adultos e eu vejo uma dificuldade muito grande para contemplar a juventude para além do esporte. Se o convênio oferece o esporte, ele contempla uma parcela da juventude, geralmente masculina, né. Mas teve um PELC que eu fui substituir o Claudio<sup>15</sup>, que estava em período de luto, em Sumé na Paraíba e foi maravilhoso. Ali eles tinham entre os agentes um moço que dava aula de dança, e eles me levaram para visitar, era uma casinha... Pensa em uma casinha de interior com aquela simplicidade, era um salãozinho menor que isso aqui, que eu nunca vi caber tanto jovem. Eram casais assim, não necessariamente casais de namorado, mas juntavam meninos e meninas para as aulas de

---

<sup>14</sup> Cidade do estado de São Paulo.

<sup>15</sup> Claudio Gualberto.

dança. Mas tão *lindo*, tão *lindo*, que foi o lugar que eu mais vi os jovens participando e com muita alegria. A juventude envolvidíssima com o PELC e sem ser pela via do esporte; aquilo me chamou muito a atenção, muito, vez ou outra eles postavam nas redes sociais alguns vídeos das coreografias que faziam na rua. Fora esse agente que eu te contei, que não foi o único, relatando e chorando emocionado. Os jovens de Ribeirão Corrente, esse grupo de dança de Sumé, do que eu me lembro agora me chamou atenção. Um grupo de senhoras, lá no sul... Pelotas, No Rio Grande do Sul. Eu fui fazer um PELC lá uma vez, um *frio*, eu entrei em uma sala de uma oficina de manualidades, de artesanato, uma mesa comprida, com um monte de senhoras, elas estavam fazendo *patch applique*, com uma televisão ligada, elas estavam assistindo a novela da tarde e tomando chimarrão, em um converseiro, numa alegria [RISO], muito, muito grande, muito envolvidas, fazendo trabalhos muito bonitos, isso me chama atenção. Para além disso muitos relatos que falam da diminuição de remédios de depressão, isso tem sido mais recorrente, acho que merece uma pesquisa à parte, mostrar o quanto essa sociabilidade tem diminuído a depressão das pessoas, e uma outra coisa: o tanto que essa bolsa do PELC, mínima que seja, tem sido sustento de muita gente; a gente percebe famílias vivendo com uma pessoa ganhando a bolsa do PELC. Eu vejo programas fazendo assim, coisas maravilhosas, ações de educação, de divulgação do lazer, de diversificação de conteúdos culturais e ainda assim também geração de renda e promoção de renda, ainda que mínima, para algumas famílias.

L.A. – Liana, esse outro eixo é uma certa avaliação sua, um entendimento seu do Programa que foram vários pontos que você contemplou, mas que eu quero abrir espaço pra eventualmente você complementar. Primeiro, como você acha que as formações impactam as atividades dos núcleos?

L.R. – As formações nos núcleos?

L.A. – Isso as formações que vocês formadores desenvolvem nos núcleos.

L.R. – Olha, elas impactam de maneira positiva, mas eu acho que a gente ainda pode melhorar, elas ajudam nessa transmissão, dessa filosofia de programa, que é diferente de tudo que se viu, e que não é instantânea, que as pessoas pegam; elas demoram para ser incorporadas, não vai ser no primeiro, nem no segundo, às vezes lá depois do décimo mês,

é que elas vão dizer: “Ah! Agora que eu entendi o que é isso.” Então, talvez, a gente pudesse pensar em coisas, em mudanças nesse sentido, que contribuíssem para que a compreensão se desse de modo mais rápido por parte de alguns agentes. Há um impacto sim das formações mas há que se pensar maneiras de impactar com maior qualidade, maior efetividade, mudar essa forma de entendimento, de uma maneira mais rápida.

L.A. – Que pontos você acha mais importantes de serem modificados de serem qualificados?

L.R. – O entendimento de que o lazer pode ser uma via de emancipação, uma via de educação humana e não só um espaço de ocupação de tempo, esse é o ponto principal. E a gente ouviu muito aquele jargão: “Então vamos ocupar o tempo das crianças.” E não é isso. Vamos usar esse tempo da melhor maneira possível, para uma educação, uma educação de sentidos, uma educação sensível, uma educação do humano e não uma ocupação de tempo. Só que isso é difícil porque toda essa percepção deve ocorrer de maneira leve e lúdica, a gente poder usar esse tempo para esse melhor entendimento do alcance do lazer, das possibilidades que o lazer tem e das possibilidades da organização da sociedade civil para a continuidade do Programa. Tem dentro das diretrizes uma orientação assim: “Depois dos vinte e quatro meses o PELC enquanto programa federal se retira pra que vocês sigam municipalizando”, mas isso é muito difícil, porque não dá tempo nesses vinte meses dessa população se organizar, dessa comunidade se organizar. Esse é, na minha opinião, outro ponto que a gente precisa rever melhor. Ainda não sei de que maneira, mas organizar isso melhor, para que de fato eles conseguiram sair - não sei se nesses vinte e quatro ou em um tempo maior - mais organizados para buscar a sua autonomia, porque dói muito Luiza, você chegar na sua última avaliação e eles olharem pra você: “E agora? Tudo o que eu fiz, todos os beneficiários?” As últimas coisas que eles pensam mas pensam: “E o meu salário?” E a gente tentando sugerir coisas, pressão nos políticos, isso e aquilo mas isso foi pouco trabalhado antes. Então esses dois pilares eu penso que estão deficitários. Tão importante como discutirmos o esporte como nós discutimos hoje seria pensar esse maior alcance do lazer para a formação humana e essa possibilidade de que ele possa ser, de fato, um elemento da organização da sociedade civil, para continuidade desse Programa.

L.A. – Finalizando então, tem alguma outra consideração que você acha importante ser feita, ou gostaria de agregar as coisas que você colocou?

L.R. – Só ratificar a importância desse Programa com as diretrizes que ele tem de não ser mais um programa, de ele ter o diferencial que ele traz, de olhar pra comunidade ou para as populações mais vulneráveis da maneira que ele olha, principalmente, o modelo de organização que ele tem. A possibilidade de se reinventar constantemente, é que é o que faz dele um programa que consegue ser novo a cada ano. Pensar que ele pudesse ser replicado, reproduzido em outras esferas mesmo, ou que ele pudesse ter entre nós, um espaço maior de discussão.

L.A. – Então Liana: muito obrigado em nome do Centro de Memória do Esporte

[INTERRUPÇÃO DE GRAVAÇÃO]

L.A. – Segunda parte da entrevista com Liana Romera [RISO] a cargo de Luiza Aguiar realizada no dia 27 de abril.

L.R. – Liana Romera parte dois [RISO]: Luiza, é que assim, é que ouvindo a Marie<sup>16</sup> eu acabei lembrando de duas coisas que eu quero acrescentar e uma eu acho que é o reconhecimento ao processo de formação. O PELC teve o cuidado de colocar a gente com um outro formador no começo, então, quando você pergunta assim: “Como é que foi o teu processo de formação no PELC?” E acho que o principal é esse: ter colado a gente com outro formador e eu não lembro de ter falado isso pra você. A minha primeira formação foi com o Cláudio<sup>17</sup> e foi  *muito*  importante pra mim porque, realmente, as primeiras vezes você não sabe como você faz. Eram  *quatro*  dias de formação, a primeira formação eu me lembro muito bem que foi com o Cláudio e ele foi super didático; foi um aprendizado incrível, e depois as outras formações também e sempre em grupo. Em grupo até soltar para poder ir sozinho, esse é um adendo importante pra eu fazer relacionado à formação para o trabalho, para o PELC. Outro, até para destacar os espaços vulneráveis ou favelas, como a Marie colocou, foi além desse espaço... Enquanto a gente entrava e soltavam

---

<sup>16</sup> Marie Luce Tavares

<sup>17</sup> Cláudio Gualberto.

rojões e a gente entrava mais e eles soltavam mais rojões. Foi um outro lugar em que a gente esteve no Ceará, eu em que houve uma permissão para gente entrar na favela; quando a gente estava no meio da favela, essa permissão não tinha sido dada e as coisas começaram a ficar meio estranhas, *estranhas*, e a gente teve que sair apressado... Assim correndo perigosamente lá de dentro, porque a gente era um elemento muito estranho ali e a permissão que alguém disse para nós que tínhamos tido para subir, na verdade não tinha, então foi...

L.A. – Foi tenso...

L.R. – É foi tenso, esse momento, e depois um outro momento que foi próximo ao Rio de Janeiro, e que eu acho que a Marie tava junto também... Estamos sempre juntos nesses momentos perigosos, em que a gente subia, e que dois meninos ficavam sempre cem metros mais acima, armados e cuidando, vigiando, vigiando a gente: “O que essas pessoas estranhas estão fazendo aqui?” Assim, trabalhando em territórios de vulnerabilidade, territórios que precisavam mesmo da estada do PELC ali mas territórios que estão sendo trabalhados por um outro poder, acho que precisava falar disso um pouco.

M.T<sup>18</sup>. – Ai posso fazer à dois?

L.A – Marie...

M.T. – Sabe isso é muito bacana de pensar porque realmente o que a importância do Programa e desse projeto ser construído dialogando com a sociedade, é aí que a relação assim, um com o outro, eu estou pensando algo para o outro que eu acho importante. Começa como uma relação de cima para baixo e as pessoas não tem pertencimento com o Programa, não tem... Não é eu trazendo para a favela, mas o que eles querem? O que aquela comunidade específica quer? Isso, independente o local, pode ser na favela, pode ser lá na região central, pode... As pessoas têm que participar desse projeto, porque se a gente, pela diretriz que preconiza isso, mas pelo objetivo principal do projeto que é garantir direitos, se não você não consegue nem conscientizar que aquilo é um direito dela. É da

---

<sup>18</sup> Marie Luce Tavares está assistindo a entrevista nessa segunda etapa e acabou por fazer algumas intervenções.

cidade, não é uma coisa que é passageira e aí infelizmente uma das dificuldades, algumas vezes ele não é dialogado “com” ele não é construído “com”, e a gente tem e é na formação; mais um elemento de importância da formação é que a gente tenta contornar essas arestas porque bom, ele que chegou aqui, eu não posso simplesmente ficar dialogando que não vai ter porque eu acho que a política tem que estar conforme eu falei antes, de posse disso, como é que a gente pode aproximar com os anseios de vocês, que vocês estão pensando, acho que é isso.

L.A – Ok. Muito obrigada pela entrevista.

[FINAL DA ENTREVISTA]